

**JULIE
LEKSTROM
HIMES**

Vencedora
do Center for
Fiction First
Novel Prize 2017

ELSINORE

**MIKHAIL
E
MARGARITA**

Um romance sobre
a persistência do amor
e da literatura perante
a tirania dos burocratas.

ÍNDICE

11

Parte I

Eis o Herói

—

113

Parte II

Nunca Fales com Estranhos

—

215

Parte III

O que Temer

—

261

Parte IV

Milagre, Mistério e Autoridade

—

407

Agradecimentos

—

Para Len e Barbara

PARTE I

EIS O HERÓI

CAPÍTULO 1

A história chegou tarde à Rússia. A geografia isolava-a e o isolamento definia-a. No século IX, os viquingues pagãos descobriram-na a partir do norte; os cazares muçulmanos governaram-na a partir do sul. O alfabeto cirílico, que viria a moldar a sua história, avançou por entre os Cárpatos, às costas dos monges macedónios nos anos sinuosos do século X. Mesmo nove séculos depois, Púchkin e Tolstói ainda inventavam as palavras que não existiam em russo: gesto e simpatia, impulso e imaginação, individualidade.

Caberia aos escritores subsequentes tentar defini-las.

Mikhail Afanasievich Bulgakov estava sentado de costas para uma janela aberta no ricamente mobilado restaurante da União dos Escritores Soviéticos de Moscovo. Estávamos no final da primavera de 1933. O seu amigo Osip Mandelstam debruçava-se sobre a pequena mesa para realçar uma ideia, mas Bulgakov não o estava a ouvir. Pensava na jovem amante do amigo, imaginando como lha poderia roubar.

No dia anterior estivera um calor abrasador. Ao meio-dia, os empregados de mesa tinham prendido as pesadas cortinas de damasco e aberto as altas janelas de três folhas que rodeavam a sala poligonal. Uma série de portas francesas abriam-se para uma larga varanda igualmente repleta de mesas e cadeiras dispostas para o jantar. O gerente do restaurante circulava, repetidamente, entre a sala de jantar, as tábuas pintadas da varanda, depois de volta ao interior,

considerando a temperatura e a ventilação de cada espaço. Finalmente, quando a tarde chegava ao fim, ordenou ao pessoal que movesse meia dúzia de mesas adicionais, do interior, através das portas abertas, para a varanda já apinhada. Ia de mesa em mesa com o seu pau medidor, medindo e ordenando ajustes e voltando a medir. Pouco antes do crepúsculo, densas nuvens cinzento-esverdeadas encheram o céu e abriram-se sobre as ruas de Moscovo. As pesadas cortinas agitaram-se ao vento e bateram contra as molduras das janelas. Gotas de chuva enormes, como pássaros errantes, voaram através das janelas abertas e entre as largas colunas do alpendre, manchando as toalhas e os guardanapos e formando poças no chão de madeira polida. O sol regressou apenas para mergulhar sob os contornos cada vez mais escuros dos edifícios, o vapor ergueu-se das ruas crepitantes, e os empregados de mesa, frenéticos, corriam de um lado para o outro, ensopando e limpando e secando. Quando o restaurante abriu, às dez dessa noite, tudo o que precisava de ser seco ou substituído fora considerado, com uma exceção — não era possível retirar um grão de sal sequer dos saleiros. Depois do segundo pedido de sal fresco, tornou-se claro que não existia mais, nem nos armários dos fundos nem na cave, e o gerente enviou um dos jovens copeiros em busca de sal num restaurante próximo, com uma nota extra de dez rublos para pagar a velocidade de um táxi. A menos de um quarteirão do restaurante, o copeiro despediu-se do taxista, a quem entregou alguns *kopeks*, e meteu o resto no bolso. Quando o primeiro não regressou, o gerente enviou um segundo copeiro com a mesma missão, mas depois, com menos dois copeiros, os pratos e os copos sujos começaram a acumular-se e o serviço abrandou claramente. Face aos pedidos recorrentes, ordenou a dois criados que despejassem vários saleiros para um almofariz e moessem os grãos, para os separar, mas os torrões voltavam a formar-se quase de imediato. Entretanto, o gerente avançava de mesa em mesa, pedindo desculpas e oferecendo a sua garantia de que estava a poucos minutos de adquirir sal novo que seria rápida e equitativamente distribuído. De qualquer modo, dizia, esperava que as refeições estivessem do seu agrado.

O gerente fez uma pausa nas suas rondas e parou junto à porta que separava a sala de jantar da varanda, analisando os clientes. Reconheceu Mandelstam; para além dele, não havia ninguém de particular consequência; a noite não seria considerada um desastre absoluto.

O ar lá fora cheirava a ozono, ligeiramente mais fresco devido à chuva da tarde, e flutuava pela janela atrás de Bulgakov. As atarracadas lamparinas de álcool em cada mesa estavam protegidas por pequenos quebra-luzes translúcidos e não tremeluziam. Outros clientes, suando sob a luz ténue, pouco se moviam. As conversas soavam igualmente abafadas. A várias mesas de distância, uma jovem de vestido cor de laranja amarrotado dava caviar à boca de um homem mais velho com uma barbicha rala. À sua direita, outro homem, um poeta menor, discutia com os seus dois companheiros, espetando o dedo na palma da mão, mas mesmo aquele gesto parecia vago e sem convicção. Junto às portas da varanda, uma banda tocava uma melodia baixa e esvoaçante.

Mandelstam recostou-se como se tivesse terminado a sua argumentação. A luz da lamparina brilhou entre eles. O cabelo escuro de Mandelstam, que começava a rarear, contornava-lhe o crânio numa franja húmida e despenteada. O seu rosto estava pálido e húmido do calor. Tinha 42 anos, apenas mais um do que Bulgakov, no entanto parecia mais velho, como se tivesse vivido num tempo diferente ou em circunstâncias mais difíceis. Como é que ele tinha sido capaz de atrair Margarita Nikoveyena, uma mulher muito mais nova, já ocupara os pensamentos de Bulgakov não assim tão poucas vezes antes daquela tarde.

Bulgakov deslizou o olhar pela sala. Para lá das portas que conduziam à varanda estava o esvoaçar de um vestido pálido; o estremecer de uns ombros nus. Um pescoço esguio, que desaparecera em seguida. Poderia ela estar ali naquela noite?

– Que raio, quem é aquela? – murmurou.

– Não estás a ouvir – disse Mandelstam.

Parecia uma observação cansada, mais do que uma acusação. Mantinha o que Bulgakov consideraria um olhar demasiado generoso.

— Isso é verdade.

Bulgakov sorriu ligeiramente, reconhecendo que ele tinha razão. Sentia alguma culpa. Atualmente encontravam-se poucas vezes. A sua amizade tinha evoluído para uma espécie de mentoria, iniciada mais de uma década antes, quando Bulgakov se mudara para Moscovo e começara a escrever. Anos mais tarde, e agora com algum sucesso pessoal, a sua amizade tinha esmorecido em vez de se fortalecer. Em geral, Bulgakov culpava-se a si mesmo. O jantar daquela noite fora uma sugestão de Mandelstam. Bulgakov não se lembrava de qualquer outra reunião que tivesse ocorrido a pedido do poeta. Ainda assim, quase recusara à última hora, sem uma razão melhor do que o mau tempo e a refeição medíocre que seria de esperar a meio da semana na União dos Escritores. Quando atravessou a sala, despropositadamente atrasado e com uma desculpa a formar-se, o rosto magro de Mandelstam contrastava de tal modo com o esplendor da sala que as suas primeiras palavras não foram um pedido de perdão, mas uma pormenorizada inquirição acerca do estado da sua saúde. Mandelstam garantiu-lhe que estava bem e, no entanto, foi o prazer que mostrou aquando da chegada de Bulgakov e a sua prontidão em pôr de parte a irritação que decerto sentiu por ter sido obrigado a esperar que levou Bulgakov a considerar que Mandelstam deveria querer algo dele. Aquela era a primeira vez que Bulgakov pensava tal coisa.

O interesse de Mandelstam centrou-se no bem-estar de Bulgakov.

— Porque não partes? Vai até Peredelkino... é bastante agradável nesta altura do ano — disse Mandelstam.

Seis *datchas*, divididas entre três mil escritores. O privilégio de fazer parte da União para os que tinham ligações políticas. Bulgakov fingiu tratar-se de uma sugestão séria.

— Ainda não chegou a minha vez.

— Já fui várias vezes — a relutância de Bulgakov em envolver-se na política da União era um velho tema de conversa. — Não é impossível. A quem recorres?

Bulgakov riu.

– Quem me quereria?

A sua autodepreciação era falsa, mas não tinha qualquer desejo de patronato. Preferia manter-se, de certo modo, invisível. Não o seu trabalho, claro, mas pessoalmente, estava bem assim; talvez até fosse melhor.

Mandelstam abanou a cabeça.

– Todos recorrem a alguém. Não tens de viver naquela casa. Podes ter melhor. Os membros do Comité adoram escritores: fá-los sentirem-se cultos. Eu podia apresentar-te.

Bulgakov voltou a afastar o olhar.

– Aquele é o Likovoyev? Há meses que não o vejo.

– Tem estado em Peredelkino.

Claro. Bulgakov sorriu.

– Pensei que ele tinha morrido.

Mandelstam baixou a cabeça, se por causa do calor ou da conversa, era difícil de dizer. Parecia com pouca vontade de abordar outros velhos tópicos: a necessidade de aplacar os críticos, de transformar editores e diretores e produtores em defensores. Bulgakov estava grato, embora achasse que naquilo, e talvez também noutros aspetos, tivesse atingido o limite das forças do amigo.

– Talvez devesse escrever poesia – disse Mandelstam.

– Não estás preocupado com a possibilidade de te fazer concorrência?

A intenção de Bulgakov era ser engraçado. Engoliu o que restava da sua vodca. Mandelstam esperou que ele lhe desse atenção.

– Só neste país é que a poesia é respeitada – disse. – Não há outro lugar onde sejam mortas tantas pessoas por causa dela.

Ele tendia a falar daquela maneira. Bulgakov achava-o cansativo; não partilhava o descontentamento político do amigo. *Não se tratava tanto de uma posição*, disse a si mesmo, *quanto de falta de interesse*. Mal lia os jornais; ouvia rádio por causa da música. No entanto, devido àquela veemência de Mandelstam, era necessária uma certa prudência, uma constante calibragem do espaço da sua relação. Era isso que era cansativo. Reparou que o poeta fizera uma nódoa

na camisa no início do jantar. Ele era frequentemente descuidado, e Bulgakov sentiu-se ainda mais irritado com aquilo.

– Nesse caso, poder-se-ia argumentar que escrever poesia talvez não seja assim tão boa ideia.

Mandelstam sorriu. Talvez fosse assim, concordou.

Likovoyev andava de mesa em mesa, distribuindo apertos de mão, à medida que cada cliente se levantava da sua cadeira. Eram apenas breves trocas de palavras e Bulgakov observou com um leve interesse, enquanto eram reveladas as alterações na hierarquia da União. Likovoyev dirigiu-se, em seguida, ao novo libretista do Teatro de Arte; depois curvou-se profundamente para se insinuar junto da jovem esposa do homem, uma antiga condessa, segurando a mão dela durante demasiado tempo, ignorando o marido até ela afastar o olhar, envergonhada. Os seus movimentos assemelhavam-se aos de uma cegonha; a sua inépcia tornava-o ainda mais cómico. Bulgakov afastou os lábios.

– O que foi? – perguntou Mandelstam.

– O nosso querido crítico – disse Bulgakov. – Entre os seus muitos crimes, é um namoradeiro atroz.

– A minha mulher parece imune aos seus avanços.

– Tens sorte.

– Nalguns aspetos, a Nadya é como uma freira. Como está a tua Tatiana?

O empregado aproximou-se e trocou-lhe o copo. Bulgakov esperou que ele se afastasse.

– Mudou-se para casa da irmã e do marido desta.

Mandelstam não pareceu surpreendido. Ocorreu a Bulgakov que aquilo poderia ser já do conhecimento geral. As mulheres de ambos tinham sido de alguma forma amigas, partilhando o fardo de terem maridos escritores.

– O apartamento deles é maior – disse Bulgakov. – E... têm casa de banho privativa.

Mandelstam acenou fingindo apoiar a mulher dele.

– Eu também te deixaria.

Likovoyev afastou-se do libretista e estava a abraçar o jovem poeta. Bulgakov esvaziou mais uma vez o copo. Lembrava-se do exato momento em que se apaixonara pela sua mulher. Um conhecido apresentara-os a pedido de Bulgakov. Durante semanas, ela recusara gentilmente os seus avanços, com palavras provocantes que ele achara enternecedoras, depois, certa noite, sem qualquer explicação, ela ficara. Lembrava-se dela sentada na beira da sua cama, os botões cor de pérola da blusa dela entre os dedos, despindo-se para ele; lembrava-se do ângulo baixo da luz cor de laranja do sol a passar pela janela suja. Lembrava-se de o seu desejo ter desvanecido quando a camisa deslizou dos ombros dela. *Se ao menos ela partisse*, pensou. Talvez nesse caso o seu desejo tivesse regressado; mas ela ficou.

Ele casara com ela na mesma. Sentira que o facto de fazerem amor fora uma espécie de aceitação disso mesmo. E sentira pena dela, por não ser amada. E ela era simpática, na verdade. Davam-se bem. Deixava-o em paz para escrever e representava uma distração suficiente para os momentos em que a solidão se virava contra ele.

Likovoyev estava de pé junto à mesa deles. Sobressaltado, Bulgakov deu uma gargalhada.

– Pensava que eras o empregado – disse Bulgakov, erguendo o copo vazio.

Likovoyev expôs os dentes no que poderia ser considerado um sorriso.

Mandelstam intercedeu.

– Estás espantoso. O tempo que passaste em Peredelkino fez-te bem.

– Fez – disse o crítico. – Bani todos os pensamentos deste sítio, tenho de confessar que foram todos exceto, inexplicavelmente, tu.

Acenou com a cabeça na direção de Bulgakov.

– Então tens de regressar imediatamente e tentar outra vez – disse Bulgakov. – Vou fazer o pedido em teu nome, junto do Presidente da União, amanhã, logo pela manhã.

Likovoyev ignorou-o.

– Ouvi dizer que tens uma nova peça em produção no TAM. Está tudo a correr bem, espero?

– Estreamos no final do mês. – Bulgakov não se deu ao trabalho de esconder um pouco do seu orgulho.

Likovoyev olhou de relance para Mandelstam.

– Fico muito feliz por sabê-lo. Tinha ouvido falar de um atraso. – Hesitou, como se pudesse dizer mais qualquer coisa, depois mudou de ideias. – Estava claramente mal informado.

Aquilo era inesperado.

– Não – disse Bulgakov, um pouco depressa demais. – Não. Não, de modo algum.

Likovoyev olhou de novo para Mandelstam, como se procurasse algum tipo de confirmação.

Bulgakov queria dizer que a peça estava a progredir bem, mais depressa do que o esperado, embora isso não fosse verdade. Estavam atrasados, mas não irrevogavelmente. Talvez sete ou oito dias; certamente não mais de duas semanas. Mas o atraso não se lhe devia por inteiro. O encenador, Stanislawski, parecia tê-lo andado a evitar ultimamente, trancando-se no seu gabinete durante horas, até Bulgakov forçar o seu assistente a abrir a porta, descobrindo então que o encenador se tinha, de algum modo, escapulado. Bulgakov convencera-se de que era tudo imaginação sua, mas agora as suas preocupações renovavam-se. Queria interrogar Likovoyev, mas o outro homem já estava a falar.

– Boatos insignificantes, então, sem dúvida. Eu sabia que não era nada digno de atenção.

– Stanislawski não fez qualquer referência... – começou Bulgakov.

Mandelstam franziu o sobrolho.

– Sim? Estou tão aliviado – disse Likovoyev. – E grato por ter falado contigo. – Acenou. – Mal posso esperar pela estreia de *Molière*... e pela minha humilde crítica.

– Sim... pela tua crítica – repetiu Bulgakov.

Parte dele desejava vagamente que o crítico ficasse. Pela primeira vez, estava ansioso por uma crítica *Likovoyev*.

— Não vou interromper mais a vossa refeição.

Likovoyev parecia mais jovial do que quando chegara, como se tivesse extraído deles a melhor parte do seu bom humor.

— Por favor, deem os meus cumprimentos às vossas encantadoras esposas.

Fez uma vénia e virou-lhes as costas. Bulgakov viu-o afastar-se. Mandelstam inclinou-se para a frente.

— Ele não é a razão para a tua... para a Tatiana...

Bulgakov abanou a cabeça.

— Não, isso foi por culpa minha.

O crítico estava já a várias mesas de distância. Dobrava-se consideravelmente para abordar a esposa de um outro escritor. Ao ouvir as palavras da mulher, inclinou a cabeça para o lado, os seus olhos fixos nos dela. Bulgakov reconheceu os gestos inofensivos. Agora quase o perdoava por eles. Virou-se para Mandelstam.

— Que história é essa do atraso? Ouviste alguns rumores? Ouviste?

Mandelstam espetava o garfo no que restava do jantar.

— Tu mesmo falaste com Stanislawski. Está tudo bem.

— Sim, falámos. — Bulgakov tentou recordar a última vez em que o tinham feito. — Tenho de falar com ele outra vez.

Precisava daquela produção. Outros esforços recentes tinham sido mal recebidos e tido vidas curtas.

— Estou surpreso por não estar aqui esta noite — disse Mandelstam. Olhou para um pedaço de carne banal. — Claro que é terça-feira.

Likovoyev beijou a mão da mulher do escritor. Bulgakov viu-o endireitar-se e fazer-lhe uma vénia, repetindo o gesto para o marido, impotente ao lado dela. A mulher ergueu os olhos para o crítico numa espécie de maravilhamento; uma combinação de ódio ligeiro e especulação. Bulgakov afastou o olhar.

Não pensara nada acerca das tentativas de Likovoyev de seduzir a sua mulher. Nada de nada, além de uma ténue gratidão pelo facto de o crítico oferecer algo que Bulgakov não tinha qualquer

interesse em dar. Que as afetações pomposas de Likovoyev pudessem satisfazê-la de alguma maneira. Eles, ele e Tatiana, tinham rido dele; no entanto, talvez ela não tivesse rido assim tanto. Considerou a satisfação secreta dela face às atenções do crítico uma espécie de ingenuidade que não o deveria ter surpreendido. Ele não ficara surpreendido e não lhe negara esses pequenos prazeres.

Não houve nenhum crime, nenhum encontro clandestino que se tivesse atravessado entre eles. Nada, a não ser a mais breve relutância, a mais pequena das pausas, certa tarde, enquanto ele gaguejava a sua tirada habitual acerca dele. Pela primeira vez, ela não concordara de imediato. Pela primeira vez, ela ficara em silêncio. E nesse silêncio, ele viu a consideração que ela tinha pelo crítico, a sua aliança com ele, e compreendeu que aquele Likovoyev, ainda que fosse incapaz de compreender até a mais lúcida das escritas, era capaz de revelar, nas suas manobras grosseiras, uma desolação nela bem maior do que qualquer ingenuidade. Bulgakov virou-se para ela em busca de uma qualquer explicação. Ela cerrou os lábios e olhou para longe como se algo tivesse passado pela sua janela.

Depois, ele dissera a si mesmo que ela não era assim tão importante; fora um erro desde o início e seria mais fácil deixá-la ir. Ela não partiu de imediato, antes se foi afastando cada vez mais até que, um dia, também os seus pertences desapareceram. Chegou a casa nessa tarde e descobriu aqueles espaços vazios. Ele deixara-os assim durante dias, os cabides no guarda-roupa, o espaço junto à porta onde costumavam estar os sapatos dela. Encontrava razões para não os ocupar; no entanto, dizia a si mesmo que não era porque ela pudesse voltar. Não era porque as coisas dela pudessem voltar a precisar de um sítio para ficar.

Levou a mão ao copo e inclinou-o de modo a reunir as gotas que restavam. Faltava-lhe o poder para manobrar o mundo a seu favor; não conseguia sequer convencer o empregado a sedá-lo com mais uma bebida. Começou a erguê-lo, mas sentiu a mão presa.

— Fala com o Stanislawski — disse Mandelstam. Bulgakov acenou afirmativamente como se compreendesse o problema.

Bulgakov fitou o copo.

— Vou falar — disse.

Osip relaxou a mão e Bulgakov bebeu as últimas gotas. Os músicos tinham recommçado a tocar, optando pelo jazz. A música enchia os espaços entre as conversas. Mandelstam olhou de relance para a banda, como se tivesse sido interrompido. Depois ergueu os olhos. Estava alguém junto à sua mesa.

— Boa noite, minha querida — disse, soando ligeiramente irritado.

O vestido pálido de há pouco estava ao lado deles. Era Margarita Nikoveyeva.

Bulgakov já a vira antes, embora não com o poeta. Tinham tentado esconder o caso, embora já muitos, incluindo a mulher de Mandelstam, dizia-se, tivessem conhecimento disso. Tinha havido aquela vez, no outono anterior, numa festa naquela mesma sala. Ele vira-a afastar os avanços de um outro homem. A certa altura, ela olhara à sua volta, como se procurasse uma maneira de escapar e os olhares de ambos cruzaram-se. Bulgakov sorriera, tanto com simpatia como com duplicidade, e sobre aquele espaço haviam partilhado um entendimento. Ou pelo menos fora isso que pensara.

Contudo, naquela noite ela estava diferente. De facto, toda ela parecia excessivamente pálida. O cabelo puxado para trás num puxo era prateado na luz fraca; o vestido cor de marfim, sem adornos, caía em linhas simples. Ele apercebeu-se da respiração dela através dos seus movimentos suaves. Os dedos dela estavam pousados na beira da toalha, como que para se equilibrar. Atrás dela, a banda parecia muda. Ela acenou aos dois homens, mas abordou apenas Mandelstam. Bulgakov estava à espera que ele elogiasse a sua aparência; a luz da sala parecia atraída por ela. Mas não era isso que lhe transmitia uma aparência sobrenatural. Ela tinha o ar dos condenados; de alguém prestes a descer da plataforma para os carris vazios, enquanto o som de um comboio enche o ar. Não tanto com o propósito de pôr fim à própria vida como com o de abraçar a monstruosidade. Ele queria puxá-la para um lugar seguro e, ao mesmo tempo, afastar-se e vê-la avançar. Levantou-se para lhe ceder a cadeira; ela sorriu um pouco,

abanou a cabeça e voltou de novo a sua atenção para Mandelstam. Este permanecera sentado.

Quando Mandelstam falou, a sua voz tornara-se algo cortante.

– Com quem estás esta noite?

Falava como um irmão poderia ter falado, ou um pai. Alguém, de alguma forma, responsável por ela. Ou como um ex-amante. Recordando-a de que, não fazendo parte da União, não devia ter sido autorizada a entrar sozinha. Mas talvez mais significativamente, estava a demonstrar o seu direito a colocar a questão daquela maneira.

Um sorriso envergonhado esvoaçou-lhe no rosto; ela ofereceu um nome. Bulgakov não o reconheceu, mas Mandelstam acenou.

– Pareces bem – disse ela, transmitindo uma leve esperança.

– Talvez a esta luz o pareça.

Ela continuou com menos certeza.

– E a Nadya?

– Na verdade, está bastante bem. Mas não creio que lhe vá dizer que tu me perguntaste por ela.

Estava a ser condescendente ao ponto de se tornar rude, pensou Bulgakov. Levou a mão ao braço de Mandelstam. Afinal de contas, ela fora ter com eles. Seria aquilo realmente necessário? Mandelstam afastou o braço.

– Só queria dizer «olá».

Disse aquelas palavras não como se pedisse desculpa ou se estivesse a defender, mas como se sentisse um pouco cansada.

– E já o fizeste – respondeu ele, inexpressivamente.

– Quer dizer, não há razão nenhuma para fingirmos que não nos conhecemos – disse ela.

Parecia não perder a coragem, mas a esperança.

Mandelstam fitou a toalha com o sobrolho franzido e afastou as migalhas para o lado, como se já não tivesse paciência para as mesmas. Estas saltaram levemente na parte inferior do vestido dela.

– Mostras-te demasiado disposta a ignorar as minhas falhas, querida – disse ele, alisando a toalha, agora limpa, com a mão.

Só os olhos dela revelavam a sua ansiedade, a sua indisponibilidade para acreditar na animosidade dele e, ao mesmo tempo, a sua aceitação. Ele perguntou-se se Mandelstam também vira aquilo.

– Talvez – disse ela, rapidamente. – Essa seja a minha falha.

Virou-se para Bulgakov.

– Por favor, tenham uma boa refeição – disse ela.

– Já terminámos – disse Bulgakov, corrigindo-a. – Não estava particularmente boa.

– Ah, nesse caso, tenham uma boa...

Deixou o sentimento por terminar, incapaz de encontrar uma melhor ideia daquilo com que eles ainda poderiam deleitar-se. Já se tinha virado. Ele viu-a afastar-se, sentindo-se como se lhe tivesse permitido escapar.

Mandelstam também a observava, a sua expressão era muito diferente da de há momentos. Havia nesta um velho afeto, talvez já reformado, mas ainda assim recordado, e ocorreu a Bulgakov que ela seria a razão por que ali tinham ido jantar naquela noite. Ela desapareceu por uma das portas da varanda e o olhar de Mandelstam encontrou o dele.

– Ela já devia saber – disse Mandelstam.

– Acho que agora já sabe.

– Desconfio que não.

A abertura da porta mantinha a sua escuridão aveludada. Bulgakov esperou que ela reaparecesse, mas a passagem permaneceu vazia.

– Estávamos a falar da tua peça – disse Mandelstam.

Bulgakov pensou que talvez preferisse falar de Margarita.

Mandelstam e Bulgakov deixaram o restaurante juntos. As ruas estavam molhadas e vazias; o céu estava baixo. Bulgakov sentiu o formigueiro do álcool na ponta dos dedos. Sentia-se ligado ao ar quente e denso que se erguia do asfalto brilhante. Perguntou-se onde estaria Margarita naquele momento. Imaginou-a sozinha, talvez numa rua como aquela, depois lembrou-se que ela estava com

outra pessoa. Estaria a dar-lhe a mão; o braço? Tê-la-ia ele reconfortado? Perguntou-se como poderia voltar a vê-la.

Dois homens de uniforme saíram para a rua. Mandelstam parou, e quase de imediato afastou-se de Bulgakov, e os quatro homens ficaram afastados uns dos outros, parecendo os cantos de um quadrado mal formado. Bulgakov ficou confuso por um momento.

Os pontos dourados da costura da insígnia da polícia cintilavam sob a luz de um candeeiro de rua próximo.

— Cidadãos, podemos ver os vossos documentos? — disse o homem mais alto.

Mandelstam forneceu uma bolsa de documentos. Bulgakov ofereceu igualmente a sua, que foi recebida pelo mais baixo dos dois polícias. Enquanto os lia em silêncio, este ia movendo os lábios de acordo com as palavras.

— O poeta Mandelstam — disse o polícia mais alto, aparentando estar genuinamente agradado.

— Nunca se sabe quem se pode encontrar a vaguear pelas ruas à noite — disse o poeta.

O outro agente continuou a analisar os documentos de Bulgakov, como se estivesse dececionado por não ter apanhado um peixe mais graúdo.

— Vocês estão juntos? — perguntou por fim, devolvendo os documentos.

— Não — disse Mandelstam.

Parecia prestes a perguntar outra coisa, depois parou. O agente mais alto estudou Bulgakov com um crescente interesse. Bulgakov riu.

— És o Mandelstam? — perguntou. — Pensei que ele fosse um homem muito mais jovem.

Bulgakov oscilou de repente e recuou para recuperar o equilíbrio. O agente mais baixo apontou-lhe uma lanterna ao rosto e o mundo desapareceu no seu brilho. Ouviu:

— Atenção, cidadão.

A luz afastou-se e a rua reapareceu, salpicada de manchas. O agente mais baixo aproximou-se. Para Bulgakov parecia tratar-se

da versão de um polícia criada por um palhaço. Riu em voz alta de tal pensamento.

O agente mais baixo estava prestes a falar, mas o outro interrompeu-o.

— Camarada poeta, diga-nos um poema. Íamos gostar.

Mandelstam abanou a cabeça.

— Não consigo pensar em nenhum, amigos. Talvez noutra altura.

O agente mais alto não se mexeu. Era óbvio que não se sentia satisfeito com a resposta.

— Eu sei um poema — disse Bulgakov. — Um de que vão gostar. «Era uma vez uma prostituta de Kiev». — Fez uma pausa. — Não, de Novgorod. Sim. «Era uma vez uma prostituta de Novgorod.»

Os agentes ficaram rígidos. Bulgakov apercebeu-se disso no seu torpor, ainda assim continuou.

— Não, não pode ser Novgorod. O ritmo está todo mal. Vejo que os cavalheiros não são entusiastas da boa literatura.

Mandelstam disse:

— Basta.

— Não tens assim tanta piada — concordou o agente mais baixo. — Talvez queiras que te prenda por embriaguez pública.

Enfiou os polegares no cinto.

— Oh, mas eu tenho piada! Sou um sátiro. O humor é a minha ferramenta. — Baixou a voz como se conspirassem. — É a minha arma.

O polícia pareceu alarmado.

— Mas talvez achem que o sátiro é um tipo de peixe que nada no Volga.

— Basta. — Desta feita, parecia que Mandelstam estava a falar para o mundo em geral. — Dar-vos-ei um poema.

Tocou na manga de Bulgakov. Os modos do poeta tiveram um efeito calmante e Bulgakov ficou com a sensação desconfortável de que aquilo era algo que Mandelstam pretendia; e ainda que não fosse bem aquilo que pretendia, talvez fosse, simplesmente, uma oportunidade que estava disposto a aproveitar.

As ruas estavam vazias, como se Moscovo lhes tivesse concedido alguma privacidade. A voz de Mandelstam ergueu-se como se estivesse a falar para uma audiência de centenas de pessoas, como se aquela fosse a mais amada das suas obras.

Mandelstam disse:

*Vivemos surdos à terra sob os nossos pés,
A dez passos de nós ninguém ouve os nossos discursos,*

*Tudo o que ouvimos é o alpinista do Kremlin,
O homicida e assassino de camponeses.*

*Os seus dedos são gordos como larvas
E as palavras, derradeiras como pesos de chumbo, caem dos seus lábios,*

*Os seus bigodes de barata fitam-nos maliciosos
E a suas botas brilham.*

*Todas as mortes são um encanto
Para o osseta de peito largo.*

Foi o agente mais baixo quem emitiu um som, um suspiro agudo. Mandelstam lambeu os lábios, como se tivesse ficado sequioso. — Acho que até um *bolchevique* consegue compreender isto — disse.

Dito aquilo, Bulgakov cambaleou em frente e lançou os braços em redor dos ombros de Mandelstam. Encostou a cabeça do poeta ao seu pescoço.

— Ele está bêbedo, camaradas. Não veem? Que noite a nossa! As suas palavras... que palavras... quase não consegui perceber, com a voz arrastada. Não estão a ver? A sua mulher deixou-o, a sério, hoje mesmo. Trocou-o por um homem mais jovem, um guarda-livros. O pobre bode velho. *E a filha está grávida.* — Isto acrescentou num sussurro.

– Afasta-te – disse o polícia mais alto, de cassetete na mão.

Parecia ridículo – poderia aquilo estar a acontecer? Agarrou Mandelstam com mais força.

– Não, não, não... ele está embriagado, digo-vos eu. Vou levá-lo para casa. Enfiá-lo na cama. A dor de cabeça tê-la-á ele amanhã. Terei de passar com um carro por cima dos seus pés para que esqueça a dor de cabeça.

Olhou para um agente e depois para o outro, empurrando Mandelstam à sua frente. Começou a acelerar, quase arrastando o poeta rua abaixo. Imaginou-os a seguirem-nos. Não estavam longe da casa DRAMALIT, onde Mandelstam partilhava um apartamento com a sua mulher.

Lançou-os a ambos pela porta da frente. A rua que deixavam para trás estava em silêncio. Só então o largou.

– Devias passar por aqui amanhã. É possível que esteja disponível um novo apartamento. Um sítio agradável, segundo ouvi dizer.

Pareceu gostar da sua própria piada. Bulgakov estava a tremer.

– Acho que não nos seguiram – disse.

Mandelstam abanou a cabeça. Pareceu de súbito bastante cansado.

– Eles estão lá em cima. – Olhou de relance para o teto. – Consegues ouvi-los? Como baratas nas paredes.

– Aqui? Não podem estar já aqui.

O poeta regressou ao corredor, sob a luz do teto. O couro cabeludo brilhava consideravelmente. Ergueu os olhos.

– Ela está sozinha com eles – disse, referindo-se à sua mulher.

– Eles vão demorar o seu tempo.

Parecia moderadamente compreensivo.

– Temos de te levar daqui. Vamos para minha casa. Não é longe.

Ouviu-se um estrondo surdo, distante, depois o estalar mais fraco da madeira a partir. Mandelstam fechou os olhos.

– O aparador. O que sofremos para carregar aquela monstruosidade por aquelas escadas.

Bulgakov levou a mão ao braço do poeta. Com cautela, como se naquele gesto ele pudesse desaparecer.

— O que é que eu posso fazer? — perguntou.

Mandelstam olhou para ele, como se não tivesse pensado naquilo antes e Bulgakov viu no seu rosto a sua triste conclusão: Bulgakov não podia fazer nada; ninguém podia fazer nada.

Mandelstam agarrou o corrimão das escadas. Aquela ripa de madeira era o seu futuro imediato, seguiu-lo-ia momentaneamente. Toda a sua paixão anterior parecia ter desaparecido. O seu rosto parecia ter envelhecido ainda mais e Bulgakov compreendeu que estava a testemunhar o desespero.

— Talvez tenhamos sido loucos por escrever.

Mandelstam parecia estar a falar para todos os ocupantes do edifício. Como se aquela fosse a sua revelação. Como se eles tivessem servido melhor como lavadores de janelas ou colocadores de carpetes. Teria havido janelas limpas, carpetes direitas.

Bulgakov não sabia como responder. Viu-o subir. Queria pedir-lhe que voltasse.

A lâmpada solitária sobre a sua cabeça gemeu. Momentos depois ouviu-se um estrondo distante, uma confusão mais profunda. Encostou o ouvido ao reboco. Nada, depois um estrépito, uma porta a bater — pareceu perto. O que significava o facto de ele estar ali? O que significava que tivesse ficado à espera, à escuta, como ficaria à escuta um pobre vizinho viúvo? *O que significava?* O edifício parecia murmurar um coro distante. Poderia ele ficar ali e não fazer nada? Encostou as mãos à parede. Segurou-a com força. Sim, poderia.

CAPÍTULO 2

Bulgakov esperou do outro lado da rua, por entre as sombras de um pequeno edifício de apartamentos. A estrada continuava vazia, com exceção de um sedã escuro. Um candeeiro de rua estalava intermitentemente. Mais tarde, enquanto o céu empalidecia até se tornar cinzento, três elementos da polícia secreta deixaram a casa DRAMALIT. Um levava uma caixa. Mandelstam caminhava entre os outros dois, com os braços atrás das costas. Não repararam em Bulgakov. Numa viela próxima, um caixote do lixo foi virado por um animal necrófago. Entraram no carro. Este arrancou, virando no final do quarteirão. Bulgakov atravessou a rua.

No apartamento de Mandelstam, a porta estava escancarada e ele entrou. Os candeeiros estavam apagados. A luz cinzenta entrava, filtrada pela janela; por baixo havia uma estante e, perto desta, uma cadeira acolchoada e um sofá. A luz não chegava mais longe. À sua frente, na semiobscuridade, formas irreconhecíveis pareciam espalhadas pelo chão. Ele hesitou.

Do outro lado, uma cortina axadrezada foi afastada para o lado e a mulher de Mandelstam emergiu de um corredor estreito. Estava magra e pálida; o cabelo era curto e muito escuro, com um corte transversal ao rosto. Envergava um vestido de algodão informal. Olhou para além de Bulgakov, como se este não fosse mais importante do que uma peça de mobiliário fora do sítio. Ela avançou na direção da janela e ajoelhou-se no chão.

Há anos que se conheciam; achou que ela estava em choque.

— Nadya?

Tropeçou na perna de uma cadeira derrubada, depois endireitou-a. Faltavam-lhe o assento e os braços. À sua volta, os objetos pareciam emergir da escuridão. O chão estava coberto de livros e papéis; uma grande estante fora virada e as prateleiras partidas pendiam, soltas. O famoso aparador estava caído no chão, na diagonal, o vidro partido cintilava tenuemente na carpete. No outro lado da sala estava uma cadeira de escritório, de pernas para o ar. As pernas giravam lentamente no pé, como se o seu ocupante tivesse partido recentemente e de modo assaz absurdo.

Havia papéis por todos os lados. Ele pegou num. Notas com a letra de Mandelstam.

— Não consigo encontrá-lo — disse ela. — Eu sei que está aqui. Aqui...

Apontou para o meio das tábuas do chão.

— Um alfinete? — E como se ele fosse demasiado lento para compreender. — Sabes o quão difícil é deitar a mão aos alfinetes?

Ela olhou para ele.

— Não, não sabes.

A expressão dela era ilegível na luz.

Ele não conseguia dar sentido ao tom de voz dela; aproximava-se do despeito, como se fosse, em parte, culpa dele. Acendeu um candeeiro. Sob a sua luz a devastação era completa.

— Eles encontraram o que procuravam? — perguntou.

Ela abanou a cabeça. Sentou-se sobre os calcanhares, com as mãos nas coxas, como que para dizer, *Que se lixe o alfinete*. Bem podiam viver num mundo sem alfinetes, queria lá ela saber.

— Ele ofereceu-se para escrevê-lo, para eles — disse ela. — Assim, mesmo com a sua visão míope, conseguiriam lê-lo.

Aquilo eram as palavras dele, claro. Enquanto falava, a raiva dela transformou-se em incredulidade, depois em tristeza. Como se não acreditasse que estava a dizer aquelas coisas; que estas podiam, sequer, ser ditas.

Ela subiu para a cadeira perto da janela. Através da parede chegava o som ténue de um homem a cantar uma música popular.

Bulgakov estava sentado no sofá perto dela. Pegou num brinquedo caído que jazia aos seus pés; três cavalos esculpidos em madeira rudemente presos uns aos outros e dispostos sobre um pequeno conjunto de rodas. Ele moveu um deles e os outros saltitaram sozinhos, um após o outro, como se galopassem através das estepes. Bulgakov ergueu os olhos e constatou que ela estava a olhar para ele.

— Do Osip? — perguntou.

— Era meu — disse ela num tom monocórdico.

Ela não fez qualquer movimento para o agarrar, como se pertencesse a uma versão diferente e não mais relevante de si mesma, e ele voltou a pousá-lo no chão. Um postal espreitava por baixo das franjas do sofá e ele recuperou-o. Apresentava a linha costeira de Ialta. Fora escrito por Osip para os pais de Nadya. Ele reconheceu as longas pinceladas elípticas. O selo dos correios era de 1924.

Imaginou uma versão de Osip de 1924. Aquele sorria diretamente para a câmara, as mãos nas ancas como se a desafiasse, com um cabelo e uns dentes exuberantes.

Nadya tirou-lhe o cartão das mãos.

— Este foi da nossa lua de mel — disse ela. — Bem, foi o que lhe chamámos.

Estudou a fotografia.

— Ficámos... aqui. — E apontou para uma pequena faixa de terra, a leste da cidade. — O sítio era terrível. Alugado por um casal idoso. Não deixei que o Osip se sentasse na cama até ter fervido os lençóis.

Sorriu.

— Havia uma palmeira do lado de fora da porta. Todas as manhãs, ele beijava-a. Tão tolo. Fazia coisas para eu me rir. Era um homem maravilhoso.

Depois, a expressão do seu rosto alterou-se.

— Vão matá-lo, não vão?

E como se o facto de o ter dito tivesse desencadeado a decisão deles, começou a chorar.

— Não, não vão.

Cobriu a mão dela com a sua.

– Ele é importante, um escritor importante.

Sorriu para mostrar como seria ridículo.

– Eles não se atreveriam. Não consigo imaginá-lo.

Tentou parecer convencido.

Ela limpou o rosto com as mãos, depois tocou no cabelo.

– O que havemos de fazer?

Primeiro, ele não soube ao certo o que ela queria dizer; como se o facto de ali estarem sentados pudesse colocar o marido num perigo ainda maior. Depois compreendeu: *O que poderiam fazer?*

– Vai falar com o Bukharin – disse ele. – Conta-lhe... isto.

Ele não sabia o que ela ia dizer, mas era algo que podia fazer e ela assentiu de imediato.

– Ele arranjou-nos bilhetes para o Kirov, em junho passado. Nós não lho pedimos. Eles vieram simplesmente. Eu disse-lhe... ao Osip, claro. Bem, foi simpático, disse-lhe. Foi uma coisa simpática. Ele podia-os ter dado à criada. O mínimo que podíamos fazer era ir.

A porta do apartamento, na sua retaguarda, abriu-se e fechou-se. Alguém entrou.

– É a Anna? – perguntou ela.

Embora a luz estivesse fraca, ele percebeu que era Margarita. Porque teria ela ido até ali?

Nadya virou-se para olhar, depois ergueu-se abruptamente e dirigiu-se à cortina axadrezada. Ele levantou-se quando ela saiu. Do outro lado, no quarto, roupa e livros tinham sido atirados de um lado para o outro; um rasgão terrível aberto num colchão nu e virado. Tudo desapareceu quando a cortina se fechou.

A sala parecia estranhamente cheia, agora que só lá estavam os dois. Ela acenou, como se reconhecesse o seu recente encontro no restaurante. Ele perguntou-se se ela estaria surpreendida por vê-lo ali. Não conseguia pensar senão em todas as razões pelas quais ela não deveria ter vindo. Hesitou em falar, não fosse começar a enumerá-las.

Ela não parecia surpreendida com a destruição. Tinha o cabelo puxado para trás, num carrapito, solto na base do pescoço. Envergava

calças e uma camisa de homem, apertada na cintura. Ergueu uma mão para se equilibrar, enquanto passava por cima do que restava do aparador.

Ele perguntou-se de quem seria a camisa.

— Cuidado — disse. — Há vidros.

Ela apanhou algumas páginas soltas que estavam perto dos seus pés, depois sentou-se na cadeira, tal como Nadya. Naquela área mais iluminada, ele percebeu que ela tinha estado a chorar.

Chegava barulho do quarto, mas a cortina estava imóvel. Ele voltou a sentar-se.

— Estou surpreendido por estares aqui — disse ele.

Não era sua intenção ser grosseiro. Estava com receio da reação de Nadya. Margarita olhou também por cima do ombro. Teria conhecido um Mandelstam diferente do seu, talvez até diferente do de Nadya. Vendo o rosto dela naquela luz, tentou imaginar como lhe teriam tocado as mãos do poeta. Teria usado gestos diferentes dos praticados com a sua esposa de há dez anos? Mas ela estava a falar.

— Estavam aqui quando eles vieram?

— Eles estavam aqui quando regressámos — disse ele.

Talvez ela estivesse a pensar se teria conseguido impedir aqueles eventos. Teriam as coisas corrido de outro modo se tivesse escolhido palavras diferentes? Envergado um vestido diferente? Teria ele ido antes para casa com ela? Bulgakov imaginou tudo aquilo, enquanto via os pensamentos dela a trabalhar, enquanto os seus trabalhavam de igual modo, em busca da sua própria culpabilidade. E se ele tivesse sido um amigo melhor? Teria estado atento ao crescente descontentamento de Mandelstam? Poderia tê-lo dissuadido de agir? Havia decerto algo que ele poderia ter feito. Mais valia ter errado do que ter ficado impotente.

Ocorreu-lhe que, ao estar sentado junto dela, se encontrava, de alguma maneira, em conluio com a amante. Nadya, bem sabia, vê-lo-ia assim. Podia ir verificar como é que ela estava; o outro quarto mergulhara agora no silêncio. Podia começar a arrumar a casa. Podia deixar Margarita entregue a si própria.

Ele continuou sentado junto dela. Não sabia o que dizer.

– Lamento a maneira como ele se comportou no restaurante – disse Bulgakov.

Achou que aquilo soava estranho. Estaria Nadya a ouvir? Baixou a voz.

– O que quero dizer é que lamento que tenha visto aquilo... quer dizer, se foi a última vez... *Deus*, quer dizer, tenho a certeza de que não é assim que ele se sente.

As palavras dele tinham-se tornado caóticas, indo do estranho ao imprudente.

Ela olhou de relance para as páginas, como se lhe pudessem oferecer conforto. A cortina foi afastada e Nadya apareceu. Levantaram-se os dois e ele foi colocar-se entre elas, como se pudesse mediar a situação ou impedi-la de examinar o óbvio.

Os braços de Nadya estavam cruzados sobre o peito. Estudava Margarita.

– Acho que não estou surpreendida – acabou por dizer.

Faltava à voz dela a friidade anterior, que usara quando o saudara a ele. A calma dela deixava-o nervoso. O rosto dela estava vazio; algo estava prestes a acontecer.

– Queria ver-te – disse Margarita. – Quem me dera que as circunstâncias fossem diferentes.

O rosto de Nadya escureceu ligeiramente, mas as suas palavras continuavam seguras.

– Estás a sugerir que podíamos ter marcado um encontro para almoçar? Como fazem as amigas?

– Tenho sentido a tua falta.

Elas conheciam-se. Talvez até tivessem sido amigas, e de súbito ele soube, como se lhe tivesse sido dito, ou, na realidade, como se o tivesse testemunhado: fora Nadya quem os apresentara um ao outro. Nadya, de braço dado com Margarita, num qualquer encontro, entregara ao marido a sua futura amante. Talvez tivesse lido o desejo nos olhos dele, naquele primeiro encontro. De qualquer maneira, ela sabia.

– Uma conversa de senhoras?

A voz de Nadya subia de tom. Ele pensou em afastar Margarita. A sua mão pressionou o braço dela, mas ela pareceu não reparar. Assumira o mesmo comportamento que tivera no restaurante na noite anterior: havia algo que precisava de dizer.

– Sei que te magoei, Nadyusha.

– Vadia.

A palavra fora bem formada, como se tivesse estado à espera da sua oportunidade.

– Lamento muito.

Nadya ergueu a mão para lhe bater. Como se o arrependimento de Margarita fosse, em si mesmo, uma espécie de insulto. Como se alguns tivessem direito a certas perdas, a certas mágoas, e outros não.

Bulgakov pegou no pulso de Nadya. Ela olhou para a mão que a agarrava, depois afastou o braço.

– Tenho-vos odiado a ambos – disse ela a Margarita. – Egoísta... é o que vocês são... egoístas... levianos.

Ele via que ela estava a tentar escolher as palavras certas.

– Não... nunca o odiei. Ele tornou-se egoísta por tua causa.

– Ele não é egoísta – disse Margarita.

Nadya riu.

– A esposa sabe o que é ser «egoísta». A esposa. – Espetou os dedos no próprio peito. – Acredita em mim. Tudo isto – apontou para a divisão –, tudo isto... foi ele que criou. Egoísta.

– Nadya – disse ele.

Sabia que o seu tom era de crítica. Ela virou-se para ele com a sua raiva e autocomiseração.

– A... esposa...

Parecia que ter de explicar aquilo lhe era penoso; em especial ter de lho explicar a ele, que já devia saber. A esposa que sofrera as humilhações das buscas da polícia. Que carregara a vergonha dos sussurros e da curiosidade. E agora... um futuro incerto. Tal era a comparação entre a moeda da devoção e a moeda do desejo. Já todos deviam saber.

Todos se haviam tornado perpetradores, de algum modo, incluindo Mandelstam. Os seus crimes podiam ser diferentes, mas ela era vítima deles. Estava estampado no seu rosto. Talvez ela o tivesse calculado quando Bulgakov aparecera naquela manhã: que ele concordaria com eles; que ela ficaria sozinha, mais uma vez, como sempre, e que ele viu o quanto ela o odiava por isso.

Nadya voltou a desaparecer atrás da cortina. Margarita não se mexeu. Olhou para o tecido como se estivesse à espera de que este se transformasse noutra coisa qualquer. A cortina manteve-se fechada.

O que mais haveria para fazer ali? Bulgakov endireitou a secretária, depois a cadeira. Empurrou a estante mais pequena contra a parede. Por baixo estava o aparador destruído. Varreu os pedaços de vidro para cima de uma folha solta. Por todo o lado havia livros e papéis.

Ela arregaçou as mangas acima dos cotovelos, ajoelhou-se e começou a repor os livros nas prateleiras. Ele fez o mesmo. O cabelo dela deslizou do carrapito. Ela voltou a prendê-lo e continuou. Cheirava a sabonete.

Nadya apareceu. Agachou-se e juntou tantos papéis quantos lhe foi possível agarrar, depois regressou ao quarto. Houve algo nos seus movimentos que o fez segui-la.

Havia um pequeno forno dentro de uma lareira antiga. Zumbia. Nadya abriu a grade e enfiou nele alguns papéis. Ao lado dela, encontrava-se um grande baú de viagem aberto, repleto de cadernos e mais papéis e cartas. Ela observou-o, depois, lentamente, alimentou um pouco mais as chamas.

A cortina mexeu-se e Margarita apareceu atrás dele.

— O que estás a fazer? — perguntou ele.

Tirou a página das mãos de Nadya. Continha algumas linhas de versos escritos à mão. Ela tomou-a de volta e enfiou-a pela grade. Ele sentia que parte dela lhe estava a fazer aquilo a ele, obrigando-o a assistir. Perguntando-lhe quem acharia ele agora ser o culpado.

— Estás zangada. Estás perturbada — repetiu, pensando em negociar. — Eu compreendo. Mas não podes fazer isto.

Nadya levou a mão ao baú em busca de mais papéis. Parecia ser demasiado fácil para ela.

— Não são teus para os estares a queimar. — Tentou manter a voz calma.

Ela fez um ar de desprezo.

— São teus?

— Sim... talvez. Sim... podem ser.

— Isto irá salvá-lo — disse ela. — Apesar de tudo... por causa de tudo. Irei salvá-lo.

— Mas isto... Nadya... é o trabalho dele — disse Bulgakov.

Era preciso obrigá-la a ser racional. O rosto dela brilhou sob a luz do fogo. De súbito sentiu medo por si mesmo. Ela voltou a abrir a grade.

— Há poetas que chegue neste mundo — disse ela.

— Eu ajudo-te — disse Margarita.

Ele virou-se, incrédulo. Margarita passara já para o outro lado da cortina. Ele seguiu-a.

Estava de joelhos, a virar os livros e as peças de mobiliário, reunindo os papéis que estavam no chão. Sob uma luz mais forte, pareciam estar por todo o lado.

— O que estás a fazer? — sussurrou ele.

Ela olhou de relance para as folhas que tinha na mão. Lentamente, percorreu-as. Tirou várias e escondeu-as na camisa. Nem tudo eram versos. Ele caiu de joelhos e começou a fazer o mesmo. Nadya apareceu. Margarita deu-lhe as folhas que tinha na mão. Ele fez uma pausa e deixou que os papéis que tinha na mão caíssem lentamente para o chão. Nadya não parecia reparar.

— Tu compreendes — disse ela. — É da vida dele que estamos a falar. Da vida que lhe corre nas veias. Não consigo viver sem ele.

Falava como se fosse a primeira a dizer aquelas coisas, a primeira a experimentar tais sentimentos.

— Eu compreendo — disse ele.

Não conseguia olhar para ela.

Nadya desapareceu atrás da cortina.

— Então e a mala? — disse ele.

Margarita parecia em sofrimento, mas nada disse. Escondeu mais páginas na camisa.

Ele apressou-se a pegar noutras. Uma tinha um novo poema. O verso de abertura perturbou-o. Fechou os olhos. Nadya tirou-lhas das mãos e regressou ao quarto.

Que palavras eram aquelas? A sua ordem tornou-se confusa; depois desapareceram da memória dele, primeiro as mais pequenas, seguidas pelas maiores. Por fim, todas desapareceram.

Margarita dirigiu-se à secretária e começou a procurar nas gavetas. Ele regressou ao quarto.

Nadya estava ajoelhada ao lado do forno. A coleção dentro do baú diminuía consideravelmente.

– Ele não concordaria com isto.

Ela fitava a grade aberta.

– Sai do meu apartamento – disse ela.

– Por favor... – disse Bulgakov.

Ela ameaçou-o.

– Sai. Eu chamo a polícia. Entregar-te-ei como um traidor. Um inimigo do povo.

O seu rosto estranho; a calma desaparecera. Tremia. Regressou para junto do forno.

– Entregar-te-ia em troca dele.

Ele deslizou ao longo da parede e passou pela cortina. Margarita estava ajoelhada no chão. Avançando em direção à porta, Bulgakov pegou nas páginas que estavam no canto da estante. Depois de a ter transposto e de ter contornado o patamar superior, Nadya gritou-lhe:

– Não tenhas medo, Bulgakov! Eles também virão buscar-te.

Bulgakov desceu apressadamente as escadas, tentando fugir dela. Só o silêncio o seguiu. O *hall* de entrada estava fresco e cinzento sob a luz do início do dia, como se fizesse parte de um mundo diferente. Olhou para as páginas.

Uma lista de compras, uma carta do presidente do comité de atribuição de casas, um memorando da União dos Escritores. Não salvara nada. Esforçou-se por recordar o verso devorado pelas chamas.

Viu Mandelstam numa cela cinzenta-esverdeada sob a luz do interrogador. *Ninguém quer que tu escrevas. Nem mesmo aqueles que mais te amam. Não viste a facilidade com que ela os queimou?*

Margarita surgiu, contornando o patamar da escada. Desceu até ao último degrau. Levava consigo uma modesta coleção de páginas. Avaliou Bulgakov. Tratava-se de um aliado incerto.

O tecido por baixo dos braços dela estava escuro devido à transpiração.

— Tenho de regressar. — Estendeu-lhe as páginas. — A Nadya mexe-se depressa. Pode perceber que não estou a ser tão útil quanto ela pensa.

Ele pegou nelas e folheou-as. As estrofes passaram pelos seus olhos. Frases de nova música. Algo fresco, cheio de vida, arrancado dos destroços. Uma vida fora salva. Parecia-lhe que fora a sua.

Os seus olhos desceram de novo para o ponto mais escuro por baixo da manga dela. Algures sobre este flutuavam ombros e uma cabeça, mas ele ficou-se por ali. Era suficiente. Ele não quis saber de quem era a camisa.


«Mandelstam e Bulgakov deixaram o restaurante juntos. As ruas estavam molhadas e vazias; o céu estava baixo. Bulgakov sentiu o formigueiro do álcool na ponta dos dedos. Dois homens de uniforme seguiam-nos. Os pontos dourados da costura da insígnia da polícia cintilavam sob a luz de um candeeiro de rua próximo.»

Em 1933, a invejável carreira de Mikhail Bulgakov está prestes a sofrer um revés: o seu amigo e mentor, o poeta Osip Mandelstam, é preso, torturado e enviado para o exílio, e o próprio Bulgakov é vigiado de perto pela polícia secreta. Ao mesmo tempo, apaixonou-se por Margarita, ex-amante de Mandelstam, musa inspiradora do que viria a ser a sua conturbada obra-prima, *O Mestre e Margarita*.

Recriando de forma vívida a atmosfera sombria da Rússia estalinista dos anos 30 e o seu fervilhante meio intelectual, onde se movem figuras como Pasternak, Maiakovski, Akhmatova ou o próprio Estaline, *Mikhail e Margarita* é um aclamado romance de estreia que traz à vida personagens ficcionais e à ficção personagens reais.

«Uma leitura extraordinariamente importante.»

Newsweek

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-36-9  9 789898 864369 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	